



## Sons e silêncios<sup>(3)</sup>

# Os gregos, nós e a música

M. HELENA VIEIRA

No cerne do pensamento pedagógico grego, ao tempo de Platão, estavam duas disciplinas fundamentais, que se dirigiam à educação do corpo e da alma - respectivamente, a ginástica e a música. Esta separação de objectivos de acção educativa, contrariamente ao que possa parecer, não se fundava numa perspectiva dualista, à semelhança do que viria a ser defendido pelo persa Manes (ou Mani), cerca de setecentos anos mais tarde, no terceiro século D. C. Os princípios do maniqueísmo gnosticista (condenados pela igreja católica, mas subliminamente absorvidos por ela e pelas outras igrejas cristãs posteriores até aos nossos dias) estavam longe do ideal humano dos gregos: a separação entre alma e corpo não correspondia, para eles, à corporização de uma luta entre o Bem e o Mal (pela mesma ordem). Pelo contrário, tratava-se apenas de uma divisão metodo-

lógica com vista a abranger a formação humana na sua totalidade.

A Antiga Grécia foi um exemplo de uma civilização para a qual o culto do "belo" era de extrema importância, e na qual a relação entre o "belo" e o "bom" era sentida com especial acuidade. O conceito de união entre a beleza e a virtude encontrou expressão no termo *kalokagathia* (*kalos* significando "belo" e *agathos*, "bom"). Daí que a arte tivesse um papel preponderante na formação dos cidadãos. A música, particularmente, tinha um papel tão importante na vida social que, em geral, um homem distinto e educado era chamado de "musical", enquanto uma pessoa inferior e bruta era simplesmente "sem música".

*Não é então por este motivo, ó Glaucon, que a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afectam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita, se se tiver sido educado? E, quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sen-*

*tiria mais agudamente as omissões e imperfeições no trabalho ou na conformação natural, e, suportando-as mal, e com razão, honraria as coisas belas, e, acolhendo-as jubilosamente na sua alma, com elas se alimentaria e tornar-se-ia um homem perfeito; ao passo que as coisas feias, com razão as censuraria e odiaria desde a infância, antes de ser capaz de raciocinar, e, quando chegasse à idade da razão, haveria de saudá-la e reconhecê-la pela sua afinidade com ela, sobretudo por ter sido assim educado (Platão. A República)*

Numa época em que tanto se censura o gosto dos jovens, a maneira como passamos os seus tempos livres, a decadência dos canais televisivos (ou, melhor, de quem os dirige) e a proliferação de artistazecos que são uma espécie de praga de insectos que se alimenta de uma cultura que desceu ao nível da lixeira, é caso para questionar como é que se pode ter a velocidade de esperar que cidadãos em cujo percurso educativo esteve praticamente ausente a formação artística ou estética, possam apreciar algo mais do que umas cervejolas, pimbalhada,

bigboçalidades e notícias de tipo basbaque sobre acontecimentos trágicos.

Se a formação ao nível da língua materna e da literatura permite que o cidadão se possa interessar por um Fernando Pessoa ou até um Antero de Quental, a formação artística, e especificamente musical, deixa-o num estado de desenvolvimento e capacidade crítica perfeitamente infantis: não é invulgar encontrar pessoas que até conhecem Baudelaire, mas nunca ouviram Debussy; que lêem Kafka ao som de uma qualquer banalidade dos "tops"; que gostam de ler jornais, mas não conseguem entoar uma melodia escrita; que consomem interessante literatura sobre ciências, gestão ou arquitectura, mas gostam de passar as noites ao som de músicas da pior qualidade num qualquer boteco; no limite: que sabem ler e seleccionar o que lêem, mas não têm meios para distinguir música de poluição sonora e estética.

O pior é que, enquanto as coisas não mudarem nos bancos da escola, continuaremos a ter à frente dos destinos da sociedade (nos ministérios, nas câmaras municipais, nas universida-

des, nas televisões, nas escolas) cidadãos cuja falta de visão (por certo involuntária) continuará a perpetuar esta cultura do lucro e do betão, do imediatismo e do mau gosto, da produtividade robótica, do ruído e da ansiedade, da arte como um luxo para elites. Sim, porque a arte, afinal, não serve para nada!... E, contudo, poderá, como as melhores coisas da vida, fazer a diferença entre existir e viver. Fazer a diferença entre passar pela vida a lutar pela aquisição de bens de primeira (e segunda e terceira) necessidade, e transformar essa passagem num percurso interessante, satisfatório e significativo. Talvez porque a maior diferença entre os seres humanos e os animais seja a capacidade de raciocínio abstracto, de superar as evidências, de dar sentido às contrariedades e de as expressar numa esfera onde os outros se revejam, de transformar a vida em algo mais do que a mera existência biológica, algo mais do que a luta pela sobrevivência.

## Sugestões de Concertos

**Sexta, 27 de Abril, 21.30h** - Teatro de Ponte de Lima: Coro da Universidade do País Basco; - Paço dos Duques de Bragança, Guimarães: Coro da Universidade Politécnica de Madrid;

- Fund. Cupertino de Miranda, V. N. de Famalicão: Orfeão Universitário de Aveiro e Coro Clássico do Orfeão Universitário do Porto.

**Sábado, 28 de Abril, 21.30h** - Salão Medieval do Largo do Paço, Braga: Coro

Clássico do Orfeão Universitário do Porto, Coro da Universidade Politécnica de Madrid, Orfeão Universitário de Aveiro, Coro da Universidade do País Basco, Coro Académico da Universidade do Minho.

Estes concertos inserem-

se no V Encontro de Coros Universitários, organizado pelo Coro Académico da Universidade do Minho.

**Quarta, 2 de Maio, 21.30h** - Auditório da Biblioteca Municipal de Barcelos: Duo de Guitarras - Maria Paula Marques e Paulo Peres.

Programa: Obras de F. Lapa, Jolivet, Tedesco e Elbeniz.

(Integrado no Ciclo de Concertos *Música das Primeiras Quartas-Feiras* organizado pela Câmara Municipal de Barcelos). Entrada livre.